

P R O C Ó P I O

O
ATOR
VASQUES

O HOMEM E A OBRA

* Este livro foi composto e
impresso nas oficinas de
José Magalhães, á Rua
Quirino de Andrade, 59
São Paulo - 1939



O ZÉ PEREIRA CARNAVALESCO!

E viva o Zé Pereira, etc. etc..

TODOS — E viva o Zé Pereira, etc., etc..
 CHICO DA VENDA — Agora a quadrilha! (*Dansam a quadrilha e... aguentem-se no balanço*).

F I M

O SÊLO DA RODA

Cena dramática.

Extraída do romance do mesmo titulo de

PEDRO IVO

por

F. C. VASQUES

A' venda
 Na Livraria Popular de Cruz Coutinho, Editor.
 75 — Rua de S. José — 75.
 1 8 7 8.

O SÊLO DA RODA

Sala. Luiz só, ao levantar o pano está sentado em uma cadeira, apoiando a cabeça sobre o braço, que descansa em cima da mesa.

CENA ÚNICA

O sêlo da roda!... O sêlo?!... Não sei porque, repugna-me esta palavra. Traz-me à ideia um sinal, estigma, le-treiro, marca impressa numa forma indelével, em coisa, de que a todo o tempo se quer reaver a posse! A Roda! Que mundo de idéias, associadas a esta torpeza, poetizada por uma caridade respeitável, mas que me parece pouco inteligente! Quando deixará de existir essa cúmplice dum imenso crime

que se decompõe em miríades de crimes?... (*Levanta-se*) — Ah! calai-vos poetas!... Eu sei, eu adivinho o que ides dizer-me, mas por piedade... calai-vos! Que me importa a des-honra da mãe, se a mãe seria a meus olhos sublime, e augusta, apresentando-se mártir do seu êrro, sagrada pelo seu amor, grande pela sua coragem! Não me faleis em considerações de familia! Não me faleis na traição, no abandono; anulai a cúmplice, deixai pairar sobre as familias o terror do escândalo, o espectro da infâmia e vereis como os pais e os irmãos saberão encontrar em si a energia precisa, para exigir reparação aos su-dutores! Não advogueis a causa da mulher abandonada, se esta mulher lançou o filho à roda! Esta infâmia excede quanto a mim, a do vil que a traiu, quase que mo faz desculpar a êle: quem não sabe ser mãe, não deve ser espôsa. Por quem há-de sacrificar-se uma mulher, se se não sacrifica por seu filho! Es-curece-me a razão o ter de admitir que a mulher abandona vo-luntariamente a prole quando a fera morre para guardar a sua! Não elogieis as Rodas; dizei o que elas realmente são! Não atenuéis o remorso das mães, pintai-lhes com as côres bem negras as côres verdadeiras, essa providência da infâmia! Fazei vibrar as cordas tôdas; não esqueçais nenhuma! Mos-trai-lhes a cifra da mortalidade lá de dentro... Ah! não, não!... Não lhes mostreis êsses... os que morrem, que ês-ses são os mais felizes!... Pegue no enjeitado, quando o toque apressado da campainha chama a rodeira, acompanhai o infeliz na trabalhosa carreira da vida, até que a morte, velan-do-o com as negras asas, o transporte à mansão, onde nin-guém é enjeitado, porque há apenas um pai para todos. Não agitada pelo terror e consciência do crime, abre a portinhola, poussa a criança, faz girar a roda sobre o eixo e busca na fuga a impunidade! Passados dias, aparece uma aldeã; recebe a criancinha, será necessário dizer como é tratado o mísero que vai disputar uma parte do sustento a quem tem direito ao todo?

O enjeitado cresce, a alma anuncia-se; a inteligência desabrocha; a força desenvolve-se... vejamos para que lhe serve isso. Cresceu. Vai longe o tempo em que lhe não in-vejavam umas sobras de leite; é-lhe preciso pão. Começam aqui as recriminações e os maus tratos, e a mãe que sente em si a bofetada que dá num filho, fustiga sem piedade o enjei-tado!...

Chega a adolescência; a medida enche-se e transborda... Volta costas ao lar, que de má vontade o aqueceu onde não deixa saudade, donde não traz uma única recordação risonha; contempla os braços, os únicos de que espera auxílio; crava

os olhos no céu, o único que jamais teve voz que o censurasse e lança-se no turbilhão do mundo tendo unicamente a animá-lo a voz harmoniosa da esperança!

Onde quer, porém que a sorte o conduza vai com êle o segrêdo do nascimento, enjeitado ao nascer, continua como sempre, e por todos, a ser enjeitado! Como o desgraçado sofre... enjeitado! Tudo lho chama tudo lho recorda! chama-lho a árvore, que se ufana da flor e se revê no fruto; diz-lho a ave que atravessa o espaço, segurando no bico o sustento dos filhos; recorda-lho a ovelha, que bala de receio porque o cordeiro se transviou e a chama do fundo dum precipício; lançam-lho sobretudo em rosto as mães, quando ao despegar do trabalho, vêm assentar-se à porta da casa dando o peito ao filho mais novo, e seguindo com o sorriso dos bem-aventurados nos lábios o folgado dos mais velhos que rolam sobre a relva. Ocorre-lhe de repente uma idéia; é preciso fugir... para longe, muito longe... para onde não chegue o segrêdo do seu nascimento. Mas para onde? com que meios? Felicidade rara! Há quem se encarregue de o mandar para o Brasil, de graça... mediante certas condições. São boas! São fáceis!... aceitam-se tôdas e quantas mais se imponham. Chega a véspera da partida; entregam-lhe o passaporte; se sabe ler, lê; se não sabe diz-lhe alguém o que lá está escrito: — Exposto! — Está rôto o segrêdo; leva no bolso escrito para todos no seu coração a ponta de punhal!

Exposto! Exposto, sim, disseram bem! Exposto a tudo! ao desprezo, às humilhações, à vergonha, a quanto finalmente, o martirizou na infância e há-de continuar a martimizá-lo até que a alma vá refugiar-se no seio do Eterno e a terra lhe cubra os ossos... Parte.

Os companheiros de exílio contemplam com olhos turvos de pranto, os lenços brancos, que ondulam na praia e os consolam como um testemunho de saudade, um desejo de ventura, um côro de preces erguidas a Deus em favor do exilado. E o triste, se o seu anjo da guarda lhe não inspira a idéia de cravar os olhos no céu, fita-os enxutos e duros na terra, a que se não vê preso por laço algum, chega, trabalha, e encontra a morte ou fornece-lhe o trabalho meios de ir procurar um sítio, onde ninguém o conheça, onde todos ignorem o seu passado. A mentira proporciona-lhe um sossêgo aparente.

Lá vem porém um dia, em que os seus olhos se cruzam com outros olhos; em que no íntimo d'alma se agita êsse quer que seja, de que nasce o amor.



D. Clotilde Costa, filha de Correia Vasques.

Ousa falar e... escutam-no. Deus do Céu! Não o repeliram! escutaram-no! disseram-lhe que o amam...! a — ÉLE? — Oh! não... não é possível! Ninguém o ama, ninguém o pode amar!... E' uma ilusão, um sonho, um gracejo! não ousa crer... não crê!

Repetem-lho com o rubor nas faces, os olhos baixos, a voz trêmula de pêjo.

Que deslumbramento! Os espaços alargam-se; o mundo afigura-se-lhe um paraíso; os homens, irmãos; os astros sorriem-lhe; as aves saúdam-no; os céus e a terra, tudo!... tudo treme de amor; e, no entanto todo êsse amor é mesquinho a par do que lhe entumece o peito. Como êle a ama!... que inundação de ventura ouvindo de seus lábios a permissão de pedi-la para espôsa! com que angústias espera que os lábios do pai, discerrando-se lhe fixem o futuro que o aguarda... e êsses lábios balbuciam com bondade "Isto não é comigo, é com minha filha. Pela minha parte... sei que está em boa posição, só tenho ouvido fazer-lhe elogios e... estou certo que pelo lado da família nada haverá que dizer." Que Deus vibrando um raio fizesse em pedaços a palmeira, erguida a dois passos, e o desgraçado teria sentido menos terror; hesita, vacila, parece-lhe que repentinamente anoiteceu, até que cobrando ânimo encara o perigo e balbucia: Eu sou... Enjeitado.

Os olhos que o fitavam se desviam, o sorriso que o animava se apaga; a voz onde soava a benevolência se torna polida e sêca quando promete consultar a interessada e dar uma resposta, e o desventurado foge com a consciência de não ser aceito.

Mas ela te ama!... brada-lhe a esperança. E amava; mas... os rogos do pai, as lágrimas da mãe, o motêjo dos amigos, tudo isso reunido acaba por vencer o amor, e ela por fim não pode perdoar a si própria o ter amado um Enjeitado.

Ah! miserável! imaginavas que bastava amar e ser amado?... louco... e o sêlo da roda? Como pudeste esquecê-lo, desgraçado!... julgaste que cortando o fio que o prendia, te libertavas dêle?!... que loucura!... O sêlo da roda está preso a ti pelo fio da vida; pede a Deus que to corte!... é o grilhão do forçado!... é a marca do fogo que se imprimia outrora no ombro do condenado.

F I M